

A competência argumentativa de pessoas afásicas

Eliana da Silva Tavares¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP) Caixa Postal 6045 –13.083-970– Campinas– SP – Brasil

elianatavares72@yahoo.com.br

Abstract. *I propose in this paper the plausibility of a competence qualified as argumentative; I take, then, the concept of argumentation from Language Argumentation Theory, that is, the notion settled on a semantic-enunciative perspective. On the other hand, I regard a concept of competence as intersubjectivity, comprising both pragmatist and communicative views, and social practice, comprising the sociological view. My purpose is based on the analysis of data from aphasic subjects. The concern, in these terms, on aphasia – language impairment caused by brain lesion –, precisely for the premise that the non-integrity of language does not silence these subjects discursively, is a position that challenges the Chomskyan postulate relatively to the notion of competence.*

Keywords. *Argumentation; competence; aphasia.*

Resumo. *Neste artigo, postulo a plausibilidade de uma competência predicada como argumentativa; para tanto, assumo a noção de argumentação encontrada na Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, uma noção fundamentada numa perspectiva semântico-enunciativa, por outro lado, me valho de uma concepção de competência fundamentada em noções como intersubjetividade, em que surgem as visões pragmatista e comunicacional, e prática social, em que surge a visão sociológica. Cabe destacar que minha proposta se assenta na análise de um dado de sujeitos com afasia, comprometimento de linguagem decorrente de lesão cerebral, justamente pela premissa de que a não-integridade da língua não os silencia discursivamente, posição que compromete o postulado chomskyano relativamente à noção de competência.*

Palavras-chave. *Argumentação; competência; afasia.*

1. Introdução

Minha questão pode ser resumida a partir da perspectiva de postular a plausibilidade de uma *competência* predicada como *argumentativa*; para tanto, estabeleço um recorte relativamente às duas categorias, centrando minhas considerações a partir de um ponto de vista lingüístico-enunciativo. Assim, busco em Ducrot e na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em sua versão dos *Topoi* (mais exatamente na versão lexical dos *topoi*), uma teoria sobre argumentação que me possibilite tomá-la enquanto categoria de natureza Semântica, mas de uma Semântica Enunciativa. Por outro lado, busco uma noção de *competência* que parta de vias explicativas alternativas

ao inatismo: como a intersubjetividade, em que surgem as visões pragmática e comunicacional, e a prática social, em que surge a visão sociológica.

Abrigo minhas questões, portanto, no movimento que a Lingüística e outras áreas do saber fazem a partir de meados do século XX, quando, tomadas pela força da proposição chomskyana, comprometem-se em incorporar, nas discussões sobre *competência*, o *desempenho*; ampliando, assim, a concepção de língua com que devem trabalhar e também se comprometendo a discutir a adequação do termo *competência*.

Quanto a discutir a adequação do termo *competência*, me restrinjo à afirmação de que, se incorporo a noção de *desempenho* e amplio minha concepção de língua, a *competência* deve ser tomada antes como uma *prática* que como uma *faculdade*, implicando, por sua vez, atos de linguagem e ações sociais, o que, por si só, compromete o postulado inatista.

Assim, centralizo minha questão relativamente às ações possibilitadas com e sobre a linguagem. De acordo com Morato (mimeo: 04), *ao que parece, a competência parece revelar ou manifestar nossas avaliações*. Então, ela é, antes de mais nada, uma questão de dimensão, e por isso pode ser predicada como *argumentativa*, por exemplo. Mas as coisas não são tão simples assim, cabe questionar (I) qual tem sido o ganho heurístico de se admitir essa noção em Lingüística e (II) qual seria a vantagem de predicá-la enquanto *argumentativa*, se a literatura já dispõe de outras predicções, como discursiva ou pragmático-discursiva? Para as pretensões deste artigo, me limito à questão (II), o que torna necessário estabelecer os termos com que tomo a noção de *topoi*, a partir da TAL.

Cabe destacar que minha proposta se assenta na análise de um dado de sujeitos com afasia, comprometimento de linguagem decorrente de lesão cerebral, justamente pela premissa de que a não-integridade da língua não os silencia discursivamente, posição que compromete o postulado chomskyano relativamente à noção de *competência*. Esse dado é fruto de atividades desenvolvidas entre sujeitos afásicos e não-afásicos, que formam o grupo I, do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), vinculado ao Laboratório de Neurolingüística (LABONE), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/ UNICAMP).

2. A versão lexical da Teoria dos *Topoi*

Para Ducrot, a língua possui uma natureza eminentemente argumentativa, na medida em que se estrutura a partir dos encadeamentos argumentativos que autoriza. Na versão lexical da Teoria dos *Topoi*, os encadeamentos argumentativos seriam autorizados já a partir do léxico. Para o autor (Moura, 1998: 173-4), fiel ao estruturalismo,

as palavras não podem ser definidas senão pelas próprias palavras, e não em relação ao mundo, ou em relação ao pensamento. (...) não defino, propriamente falando, as palavras em relação a outras palavras, mas em relação a outros discursos. O que eu tento construir então seria uma espécie de estruturalismo do discurso.

Quando Ducrot fala em *Estruturalismo do Discurso* está falando em encadeamentos argumentativos autorizados, possíveis, a partir do que considera sua unidade mínima de análise: as palavras. Analogamente a Saussure, as unidades em

análise seriam estabelecidas por relações opositivas internas, o que possibilita a constituição de uma teoria autônoma; entretanto, a natureza de tais relações opositivas seria distinta, na medida em que nos estudos saussureanos as unidades da língua devem ser constituídas a partir de suas relações formais, e na TAL a partir das possibilidades de encadeamento discursivo que suscitem, movimento que traz a *significação* para o interior da língua. Colocar as coisas dessa maneira faz com que a noção de *encadeamento discursivo* deva ser considerada como marcada já nas palavras, no léxico, ou seja, como interior à língua; essas considerações sustentam a afirmação de Ducrot de que *não defino, propriamente falando, as palavras em relação a outras palavras, mas em relação a outros discursos*.

Na versão lexical da Teoria dos *Topoi*, portanto, o sentido das palavras é tomado como um *feixe de topoi*, a partir do qual orientações argumentativas específicas são autorizadas, ou não; os *topoi* são *fontes de discurso*, e não o que garante a passagem de um argumento a uma conclusão, como a própria TAL havia proposto em versão anterior. Nessa medida, *um topos é complexo em função das frases envolvidas, porque não é um amálgama de noções pré-existentes, mas sim uma relação complexa entre palavras que não servem para estabelecer deduções sobre os fatos do mundo (id., ib.: 178)*.

Assim, um feixe de *topoi* pode possibilitar uma argumentação e não outra, dependendo, inclusive, da figura do enunciador para a determinação de que orientação argumentativa será autorizada, especificada. Veja que Ducrot se vale da noção de *polifonia* (construída no interior da própria TAL), em que, ao questionar a unicidade do sujeito, atrela os encadeamentos discursivos possíveis à figura de diferentes enunciadores, diferentes centros de perspectiva.

Apliquemos essas considerações relativas aos *topoi* a um dado constituído a partir de uma atividade teatral do CCA, numa interação entre os sujeitos afásicos e o coordenador das atividades de expressão teatral do CCA.

3. O dado e a análise

O dado que proponho para análise foi produzido no decorrer de uma atividade do Programa de Teatro desenvolvido com o Grupo I, do CCA, que se reúne semanalmente. A dinâmica das reuniões na ocasião pode ser resumida da seguinte maneira: o encontro começa com o Programa de Linguagem, depois há uma pausa para o café e em seguida o Programa de Teatro. Os presentes na sala, no dia 23 de outubro de 2003, em que busquei este dado, são os afásicos JM, SI, NS, MG, EF, MN e os pesquisadores JT, EM, HM, ET, FM.

Uma informação indispensável para a análise do dado é o canto incessante de cigarras do lado de fora do prédio, que se houve muito claramente no interior do Laboratório.

Neste encontro, a pausa para o café havia transcorrido normalmente e o grupo falava sobre uma determinada novela da tv; a conversa estava bastante animada, quando há um corte na gravação no momento em que a investigadora EM convida JT para dar início ao Programa de Teatro. Em seguida, a cena que podemos ver no vídeo apresenta o grupo já na disposição costumeira para o trabalho, sentados em suas cadeiras, e JT aparece arrumando a rotunda, normalmente utilizada nas atividades de teatro. Quando

JT senta, percebe que o grupo está em silêncio, contrariamente ao que costuma ocorrer, pois sempre há brincadeiras ou pequenas conversas entre os integrantes, e mesmo contrariamente ao clima em que se desenrolou o café. JT gesticula com as mãos, olha com expressão de interrogação para o grupo, para os pesquisadores presentes na sala, novamente volta-se para o grupo e pergunta:

JT: O que é isso?

Os integrantes do grupo fazem gestos, balbuciam coisas, mas ninguém toma a iniciativa de dizer nada mais explicitamente, até que JT questiona um por um sobre o motivo do silêncio e todos vão apresentando justificativas, que se concentram numa pequena cirurgia que o senhor JM vai fazer. A última pessoa do grupo a explicar seu silêncio a JT é dona MN, uma senhora portuguesa. Depois dessa conversa, o grupo começa a fazer os exercícios de alongamento, que sempre iniciam as atividades do Programa de Teatro. Durante a realização desses exercícios JT comenta, fazendo movimentos com a mão, que indicam o barulho das cigarras ao fundo.

JT: Uns estão tristes, outros estão a cantar.

JT faz essa observação numa construção típica de português europeu, o que pode ser interpretado por MN como uma proposta de diálogo com ela mesma – ou porque foi ela a última pessoa a apresentar sua justificativa para o silêncio ou porque ela é portuguesa, ou o que parece mais plausível, por uma convergência desses fatores. A conversa segue.

NS: É memo.

JT: Não é?

MN: [E quantos é...]

MN: E quantos é que cantam tristes?

JT: É. É verdade, dona MN.

MN: Quantos e quantos?

JT: É verdade.

O pesquisador JT apresenta *cantar* como unidade lexical que rejeitaria *tristeza*, numa compreensão de que o feixe de *topoi* associado à *tristeza* não seria condizente com uma orientação discursiva que autorizasse a utilização do feixe de *topoi* associado a *cantar*. Em outras palavras, no feixe de *topoi* de *cantar* não caberia *tristeza*.

JT: Uns estão tristes, outros estão a cantar.

Em contraposição, dona MN, na figura de um centro de perspectiva diferente de JT, evoca um outro feixe de *topoi* associado a *cantar*, que por sua vez, autoriza sim um encadeamento argumentativo com *tristeza*.

MN: E quantos é que cantam tristes?

Veja que os *topoi* associados a *cantar* são determinados por uma relação complexa que estabelece com outras unidades lexicais, como *tristeza*, nesse caso, mas que, mesmo assim, é creditada ao *enunciador a perspectiva com que o topos é apresentado* (Moura: 1998, 178). Dessa forma, *cantar* muda de sentido, prefiro pensar que re-orienta sua significação, de acordo com a forma com que é apresentado pelo enunciador, porque esse movimento faz com que os estereótipos associados ao léxico também mudem, e é somente nessa medida que Ducrot aproxima a noção de *topos* à de estereótipos (Moura: 1998). Para o autor (*id., ib.:* 182) *Isto me levaria a dizer que a*

palavra (...) muda de sentido segundo a perspectiva de uma sociedade, e uma sociedade, nos termos como a refere Ducrot na entrevista, nada mais é que um enunciador¹. Para Castro (2001: 64),

É a partir da posição do falante [um centro de perspectiva, em Ducrot], sob o efeito das evocações, que se deve pensar a imprevisibilidade no encadeamento ou a possibilidade de que a argumentação – como contraponto à dispersão – não deixa de ser por ela afetada.

Bem, se por um lado, introdutores de *topoi* como os itens lexicais possibilitam uma “atitude” argumentativa inscrita na própria língua; por outro, minha questão consiste em averiguar a plausibilidade de categorizar essa “atitude” como uma *competência*.

4. A competência enquanto dimensão

Um lugar privilegiado para indagar essas questões seria aquele que explicita o que Pêcheux (1990: 53) predica como *pontos de deriva* possíveis do sujeito relativamente a seu discurso, como o espaço de tensão revelado tanto pela aquisição da linguagem, quanto por um comprometimento de linguagem, como a afasia. Com isso, ao aproximar a Psicolinguística da Neurolinguística, crio um ambiente propício para postular a premissa de que: assim como a língua não tem que estar madura para acontecer, como na fala das crianças, também não tem que estar íntegra, como na fala de sujeitos com afasia.

É justamente neste espaço de tensão que aquilo que entendemos e/ ou aceitamos como *competência linguística* mostra-se insuficiente para dar conta das necessidades discursivas de crianças e/ ou afásicos. Contudo, assumo com Castro (*id.*: 63-64) que a argumentação, nos termos da TAL, deve ser tomada como *contraponto à deriva* [do sujeito] (...) *em um determinado arranjo textual-discursivo, garantindo sentido e unidade*, ao contrário do que faria pressupor o enunciado de Pêcheux. De acordo com a autora, Carel e Ducrot (2000-2001) afirmam que

as argumentações não se constituem como o que se tem chamado de “atividade metalinguística”, elas são o próprio tecido do texto. (...) argumentação é um discurso, ou ainda, um encadeamento, e como funcionamento que resiste à dispersão, constitui o sentido, dirige o diálogo ou o texto.

No momento em que *cantar* e *tristeza* estabelecem, paradigmaticamente, relações complexas entre si, autorizam, sintagmaticamente, encadeamentos discursivos distintos, fazendo com que o sentido somente possa ser estabelecido se considerada a enunciação. Assim, dona MN faz emergir um encadeamento argumentativo inesperado, imprevisível, a partir do efeito evocativo que objetiva na relação entre *cantar* e *tristeza*, mostrando, justamente, que o sujeito não está à *deriva* relativamente a seu discurso.

Então, se admito que *maturidade* ou *integridade* da língua não são elementos suficientes para impossibilitar a interação discursiva de uma criança em fase de aquisição da linguagem, ou de um afásico, respectivamente, tenho de admitir que, ou eles não se valem apenas de uma *competência linguística*, nos termos chomskianos, e que existem outras competências a ela relacionadas, ou ainda que, de fato, não há uma *competência linguística* enquanto categoria central, à qual outras competências se

relacionariam, num sentido de complementariedade hierárquica. Na verdade, minha *vontade de saber* (Foucault, 2004: 14) prefere postular que o indivíduo tem à disposição uma série de *competências* – ou habilidades, capacidades -, complementares sim, com as quais se relaciona com o mundo e consigo mesmo, enquanto ser do e no mundo, mas que nenhuma delas é mais central que outra.

Creio que cabe neste ponto um parêntese, pois veja que o movimento operado pela TAL consiste, o tempo todo, em trazer, para o interior da língua, elementos considerados como exteriores a ela; o que pode ser uma solução para o empreendimento estruturalista de Ducrot, mas que parece não resolver a querela entre interior e exterior lingüístico.

Vale lembrar que é pelas escolhas que os indivíduos fazem, no processo constitutivo da referência, que a argumentação, os encadeamentos argumentativos são possíveis; nessa medida, não só parece plausível o postulado de uma *competência argumentativa*, como a apresentaria enquanto categoria da língua, uma vez que o próprio aprendizado do léxico se dá por meio das possibilidades argumentativas que pode desencadear, por meio do feixe de *topoi* que mobiliza.

Ducrot (1996), em curso ministrado na UFSC, apresenta o exemplo da palavra *sujo*. A situação seria a seguinte: “os pais dizem a uma criança que não deve tocar no cachorro porque ele é *sujo*”. Aceitemos que seja razoável utilizar um enunciado como este com uma criança em fase de aquisição de linguagem, com cerca de um ano e meio. A maneira como ela vai construir a significação de *sujo* não é por meio de uma descrição que tenha sido feita, mas sim pela idéia de que *sujo* envolve *proibição de contato*. Para ser o mais ducrotiana possível, diria que, no *feixe de topoi* da palavra *sujo* está contida a idéia de *proibição de contato*, ou ainda, que o *feixe de topoi* de *sujo* autoriza uma argumentação no sentido de *proibição de contato*.

Seguramente, considerada a noção de competência como a apresento, é imprescindível ressaltar que o grau de severidade com que um indivíduo é acometido pela afasia pode fazer com que se valha mais de uma *competência* que de outra, sobretudo porque a considero enquanto dimensão. No CCA, há sujeitos cuja produção lingüística está bastante comprometida, mas isso não o silencia discursivamente.

Para Castro (*id.*: 78), na fala da criança *os restos, os vestígios são variantes do sistema de oposições (...)*. *Os universos discursivos determinam o sistema de oposições, garantindo a entrada de termos discursivamente disjuntos*. Na construção de dona MN, a suposta *disjunção discursiva* é marcada pela imprevisibilidade e originalidade de seu discurso, que sustenta sua *competência argumentativa*.

Os sujeitos afásicos podem ter uma dificuldade de expressão oral, o que não coincide com a noção de *competência* de Chomsky, mas que, por sua vez, não deixa de desvelar o quanto esse sujeito se vale de outras competências para ocupar o espaço discursivo que lhe cabe. Como afirma Morato (mimeo: 12) *no contexto patológico, quando se perdem certas capacidades – sejam elas inatas ou não – percebemos bem que a competência existe*. A questão consiste em aceitar a proposta de que exista *uma competência, a competência*, e que ela seja central relativamente às demais que possam existir.

5. Considerações finais

A direção que minhas investigações têm tomado, considerada a *competência* como uma questão de dimensão, e a maneira como apresentei aqui minhas questões quanto à noção de uma *competência argumentativa*, faz com que a tome enquanto uma competência da ordem da língua, pela natureza das relações argumentativas de que me servi, ainda que distinta daquela proposta por Chomsky

De todas estas considerações, resta estabelecer em que medida essa *competência argumentativa* seria diferente de uma *competência discursiva* - facilmente encontrada na literatura -, quais categorias as distinguiriam, colocando-as em planos diferentes. Mas veja que mantenho uma questão problemática: considerar a *competência argumentativa* como interior à língua e admitir uma *competência discursiva* como possível ou provavelmente exterior a ela faz com que a dicotomia interior/ exterior lingüístico se mantenha. Nesse sentido, para Morato (mimeo: 17),

a noção de competência é a um só tempo uma noção que nos conduz à idéia de estratégia (...) e de heterogeneidade. (...) Com relação à linguagem e aos demais processos a ela relacionados, essa noção de competência não se situa exatamente num *continuum*, mas numa relação dialeticamente concebida entre interioridade – exterioridade da linguagem. Ou seja, a competência não é algo que está fora da linguagem, mas ao mesmo tempo, de seu exterior pragmático-discursivo, portanto, “de fora” a mobiliza e constitui.

É justamente nesse sentido que parece divergir a proposta formulada com base na Semântica-Enunciativa ducrotiana, em que noções como *Pragmática integrada*, *polifonia* e *enunciação* buscam justamente constituir e ser constituídas em função de um exterior discursivo, porque o movimento operado pelo autor consiste, o tempo todo, em trazer para o interior da língua elementos que são externos a ela, com vistas à constituição de uma teoria lingüística autônoma, uma vez que se propõe fazer Lingüística da língua e também da fala; pois não é possível esquecer que a própria noção de *discurso* é inserida no interior lingüístico, quando categorizado como *enunciado*: um discurso mínimo na versão *standard*, ou como mobilizado pelas relações associativas operadas pela oposição paradigmática com outras palavras, na versão lexical dos *topoi*.

Esse movimento constitui um problema para a proposta que procuro qualificar, uma noção de competência predicada como argumentativa, com base na noção de argumentação que tomo da TAL. Uma possibilidade de dirimir essa questão parece estar na retomada da noção de *discurso* para Ducrot, ou assumir que, ao atrelar o *discurso* à *significação* e propor a perspectiva de *Pragmática integrada*, Ducrot estabelece uma autonomia da língua, ou da linguagem, cuja natureza, ao contrário de Saussure e de Chomsky, não seria formal, mas discursiva. Essa poderia ser uma solução para o empreendimento estruturalista de Ducrot, e mesmo para minha proposta de uma *competência argumentativa*; contudo, devo admitir que uma formulação teórica desta natureza teria dificuldades em explicar as demais dimensões da noção de *competência*, questão a que não posso me furtar.

¹ Nesse trecho da entrevista concedida a Moura, o autor está falando sobre o sentido de *rico* em português e *rich* em francês, em que, de acordo com a sociedade tomada, seria diferente; onde teríamos enunciadores e discursos diferentes atrelados ao sentido da palavra.

Referências

- CASTRO, Maria Fausta Pereira de. A argumentação na fala da criança: entre fatos de língua e de discurso. *Linguística*. v. 13, p. 15-23. São Paulo: Hedra, 2001.
- DUCROT, Oswald. Teoria da Argumentação: a versão dos Topoi. Florianópolis: Curso ministrado na UFSC, 1996. (mimeo).
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MORATO, Edwiges Maria. Da noção de competência relativamente à linguagem. Campinas: 2003. (mimeo).
- MOURA, Heronides Mello. Semântica e Argumentação: Diálogo com Oswald Ducrot. *D.E.L.T.A.* v.14, n 1. p.169-183. São Paulo, Educ, 1998.
- PECHÊUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, 2002.
- HYMES, Dell. *Vers la compétence de communication*. Paris: Hatier, 1984.